

**Fernão de Magalhães em espirais:
História e ficção da primeira volta ao mundo**

**Fernão de Magalhães in spirals:
History and fiction of the first circumnavigation**

Daniel Vecchio Alves ¹
(USP / FAPESP)

Resumo: Atualmente, existem diversos estudos fundamentais para o estudo da vida e da viagem de circunavegação iniciada por Fernão de Magalhães que facilitam a tarefa dos investigadores e dos leitores em geral. O estudo da figuração de Magalhães e da sua pioneira viagem realizada entre os anos de 1519-1522, que recentemente atingiu seu quinto centenário, mereceu a atenção de numerosos investigadores e escritores de muitos países. Face ao largo número de produção, consideramos pertinente a realização deste estudo, no qual pretendemos analisar sucintamente as diferentes representações histórico-ficcionais do navegador e sua histórica viagem que se sucederam durante os séculos. Observaremos, por conseguinte, que Magalhães recebeu uma diversidade de representações que varia dentre as épocas, perpassando pela imagem de homem rancoroso por vingar-se das injustiças que acreditava ter recebido do rei português ou como homem negociante e resiliente ao oferecer seus serviços ao rei espanhol Carlos V, com o objetivo de dirigir uma esquadra às ilhas Molucas.

Palavras-chave: Circunavegação; narrativa de viagem; representação; imaginário.

Abstract: Currently, there are several fundamental studies on the life and circumnavigation voyage initiated by Magellan, which facilitate the task of researchers and readers in general. The study of the figure of Fernão de Magalhães and his pioneering voyage between 1519 and 1522, which recently reached its fifth centenary, has attracted the attention of numerous researchers and writers from many countries. Given the large number of publications, we consider it pertinent to carry out this study, in which we intend to briefly analyze the different historical-fictional representations of the navigator and his historic voyage that have emerged over the centuries. We will therefore observe that Magellan has been represented in a variety of ways throughout the ages, ranging from a resentful man seeking revenge for the injustices he believed he had suffered at the hands of the Portuguese king to a resilient businessman who went to Spain to offer his services to Charles V to lead a fleet to the Moluccas.

Keywords: Circumnavigation; travel narrative; representation; imaginary.

Submetido em 17 de janeiro de 2026.

Aprovado em 21 de julho 2026.

¹ Doutor em História Cultural pela UNICAMP. É, atualmente, pesquisador de pós-doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Email: danielvecchioalves@hotmail.com

Introdução

Atualmente, existem diversos estudos fundamentais para o estudo da vida e da viagem de circunavegação iniciada por Fernão de Magalhães, que facilitam a tarefa dos investigadores e dos leitores em geral. Os estudos (re)figurativos de Fernão de Magalhães e da sua pioneira viagem realizada entre os anos de 1519-1522, que recentemente atingiu seu quinto centenário, mereceram a atenção de numerosos investigadores e escritores de muitos países.

Magalhães recebeu uma diversidade de representações que varia dentre as épocas, perpassando pela imagem de homem rancoroso por vingar-se das injustiças que acreditava ter recebido do rei português ou como homem negociante e resiliente ao oferecer seus serviços ao rei espanhol Carlos V, com o objetivo de dirigir uma esquadra às ilhas Molucas. Inicialmente, todos os cronistas portugueses se mostraram críticos para com a “traição” de Fernão de Magalhães ao colocar-se ao serviço da Espanha, pois tal atitude foi considerada como ato prejudicial aos interesses portugueses no ultramar.

Tal representação está bem explícita nos textos de Fernão Lopes de Castanheda e de João de Barros, por exemplo, atingindo seu auge crítico na obra de Jerónimo Osório, Gaspar Correia e Damião de Góis.² No fim do século XVI, Camões não deixa de explicitar, também, nos cantos de *Os Lusíadas*, os feitos de Magalhães e seus efeitos negativos dentre os portugueses do seu século: “De Santa Cruz o nome lhe poreis; / Descobri-la-á a primeira vossa frota. / Ao longo desta costa, que tereis, / Irá buscando a parte mais remota / O Magalhães, no feito, com verdade, / Português, porém não na lealdade” (Camões, 2000, X, 140).

2 “Em Portugal, as primeiras construções narrativas sobre a viagem de Fernão de Magalhães aparecem nos chamados cronistas da Ásia: Fernão Lopes de Castanheda, livro VI (capítulos VI-X) da *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Coimbra, 1554; João de Barros, livro V, capítulos VIII-X da *Terceira Década da Ásia*, Lisboa, 1563; e ainda Gaspar Correia, talvez o primeiro que escreveu sobre os sucessos portugueses na Ásia, nas *Lendas da Índia*, onde encontramos todo um capítulo - o capítulo XIV da «Lenda de Diogo Lopes de Sequeira» - dedicado à viagem de Fernão de Magalhães. Também António Galvão, na obra vulgarmente designada *Tratado dos Descobrimentos* e publicada postumamente em 1563, anota os sucessos da armada nos registos referentes aos anos de 1519, 1520, 1521 e 1522. De referir, por último, a atenção que lhe é dada por Damião de Góis, no capítulo XXXVII da quarta parte da *Crónica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Lisboa, 1967, um breve apontamento sobre a viagem de 1519, precedido de uma detalhada informação sobre o processo e preparativos da mesma” (Dantas, 2012, p. 44).

De modo oposto a deslealdade cantada por Camões, veremos nas crônicas espanholas o realce da coragem e do compromisso, bem como da fidelidade de Magalhães para com a coroa espanhola, apesar de algumas rusgas contra suas ações surgirem veementemente em alguns pontos, como, por exemplo, em algumas passagens das crônicas de Pedro Mártir de Angleria, Gonzalo Fernandez de Oviedo e Francisco Lopez Gomara.³

Notícias sobre Fernão de Magalhães abunda, principalmente, sobre a viagem que o notabilizou, seja a partir das crônicas, investigações históricas e obras literárias (apesar de não ter sido tão agraciado literariamente quanto Colombo e Vasco da Gama), constituindo um grande acervo de aspectos da figura e da ação do navegador. Portanto, a grande aventura de Fernão de Magalhães é, também, o conjunto de textos e relatos que fazem perdurar a sua memória cultural:

Este processo de construção memorial, fundamentalmente escrito e literário, não é apenas factual, “real” ou “histórico”, mas mostra-se também generosamente cultural e ficcional. Trata-se mesmo de um processo de organização da memória que se estrutura em termos literários muito longe dos testemunhos “reais” sociais dos indivíduos e das famílias que, constituindo a parte mais interessada no sucesso da expedição, esperavam o regresso dos membros da longa aventura marítima: quando os derradeiros 18 sobreviventes europeus chegaram a Sevilha, em Setembro de 1522, não se manifestou qualquer entusiasmo particular ou popular, não se organizaram quaisquer festividades ou outras manifestações colectivas de boas-vindas. Os poucos sobreviventes precipitaram-se para as igrejas e confrarias das suas devoções para rezarem quase desesperadamente pelo perdão dos seus pecados (Sousa, 2006, p. 55).

A viagem de Magalhães recebe, nesse sentido, toda uma herança representacional, mas tenta, muitas vezes, de forma tão aventureira como corajosa, unir as peças separadas de um enigma pessoal que ao mesmo tempo também se faz global, propondo um desvendar planisférico de circunstâncias e rotas marítimas ainda desconhecidas. Contudo, apesar de um generoso universo de representações, as configurações e refigurações da imagem colonial de Magalhães instaladas no coração da nossa memória cultural, historiográfica e artística são muito influenciadas pela imagem moral e astuta difundida pelo livro de António Pigafetta, visto ser o seu relato a fonte principal dessa primeira viagem de circunavegação.

3 As referências ao feito de Magalhães e às peripécias da viagem de circunavegação aparecem logo nas primeiras crônicas das Índias espanholas. Cite-se, a título de exemplo: a *Historia general de las Indias* de Francisco López de Gómara (1511-1566), cuja primeira edição data de 1552.

A imagem moral difundida por Pigafetta não suavizou com panos quentes a rusga que ficou por séculos entre os portugueses, visto que foi apenas na contemporaneidade que o tratamento da sua história passou a receber, em Portugal, abordagens positivas nas quais se enaltecia o feito que dirigiu, atendo-se mais às suas circunstâncias pessoais. No século XIX, conhecido na Europa como o século da história devido ao grande aumento da produção historiográfica a fundamentar a força dos consolidados estados nacionais, ocasião em que muitas crônicas e registros de viagem ganharam novas edições comemorativas, Fernão de Magalhães começa a ser apresentado como herói entre os portugueses, imagem bem patente nas biografias romanceadas acerca do navegador que começaram a se proliferar.⁴

Não será essa mudança representacional um sinal do efervescente discurso nacional da passagem do século XIX ao XX (visto na sexta parte deste estudo), tão em pauta durante e depois dos eventos comemorativos do ultramar realizados em Portugal e por toda a Europa? Nessa voga de trabalhos, em um exercício de catarse patriótica, os historiadores portugueses oitocentistas tentam reparar a imagem de traidor de Fernão de Magalhães, começando, inclusive, a apresentá-lo infundadamente como um herói da nação. Já no século XX, por sua vez, é preciso assinalar que as décadas de 1930 e 40 foram marcadas pelo aparecimento de grandes biografias sobre esse navegador.

A começar pela biografia escrita por Stefan Zweig, publicada em 1937, sob o título *Magellan. Der Mann und seine Tat*, que, logo no ano seguinte, foi objecto de edições em várias línguas e países, inclusive em Portugal, com a primeira edição da Livraria Civilização (Porto), datada de 1938, sob título *Fernão de Magalhães*. Em breve, o livro de Zweig se tornou um sucesso editorial. Embora pese alguns romantismos ao defender encomiasticamente a insígnia do navegador, o gosto pela interpretação psicológica e a carga simbólica que perpassa a obra são amparadas por uma sólida base de pesquisa documental, estabelecendo argumentos que mais tarde seriam aprofundados por José Manuel Garcia (2007) e Juan Gil (2009), principalmente

4 Nesse contexto, foi sem dúvida muito importante a publicação, em 1837, do volume IV da coletânea *Colección de los viages i descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV, con varios documentos inéditos concernientes á la historia de la marina castellana y de los establecimientos españoles en Indias*, organizada por Martin Fernández Navarrete.

quando se discute acerca das fontes cartográficas e náuticas possivelmente utilizadas por Magalhães no planejamento do seu projeto marítimo.

Quase em simultâneo com a obra de Zweig, saíria, em Portugal, a obra intitulada *Fernão de Magalhães (A sua Vida e a sua Viagem)*, da autoria do 4º Visconde de Lagoa. Nessa obra, inclui-se a relação de Antóno Pigafetta, que é publicada pela primeira vez no país.⁵ No que respeita à naturalidade de Magalhães, o visconde analisa criteriosamente os dados até então conhecidos, com o objetivo estrito de investigar sobre a identidade portuense do navegador.⁶ Depois desses estudos biográficos sobre Magalhães, somente com a aproximação das comemorações do quinto centenário da viagem de circunavegação é que teremos um volume efetivo de textos e eventos sobre tal viagem e seu capitão-mor.

Só podemos especular sobre as reais razões desse significativo investimento em recursos financeiros e humanos. Podemos, talvez, encontrar uma pista visitando as páginas oficiais criadas para a ocasião. Sendo assim, o site espanhol (<https://www.operamagallanes.com/tag/v-centenario>) dedicado à *ópera Magallanes*, abre a página virtual com a seguinte citação retirada de uma entrevista com a vice-presidente do governo espanhol Carmen Calvo, entrevista que foi conduzida por Laura Galdeano para o jornal *Libertad Digital* em 12 de setembro de 2018: “O V centenário da primeira volta ao mundo procurará devolver à Espanha o prestígio que lhe corresponde” (Calvo, 2018, s/p.).

Na mesma página virtual, a circunavegação planetária é inicialmente destacada como um feito exclusivamente espanhol, ignorando a liderança portuguesa de Magalhães:

5 Ver Lagoa, 4º Visconde de. *Fernão de Magalhães: a sua vida e a sua viagem*. Lisboa: Seara Nova, 1938, 2 vols.

6 Contrariamente à convicção de Visconde de Lagoa e mesmo de José Manuel Garcia, a naturalidade portuense de Fernão Magalhães não estava definitivamente esclarecida. Com efeito, “em 2009, Amândio Barros publicava o livro, *A Naturalidade de Fernão Magalhães Revisitada*, onde revitalizava a origem minhota do navegador. Este livro estrutura-se em torno das três localidades mais destacadas «em que se diz» que Fernão de Magalhães nasceu em Sabrosa, Porto e Ponte da Barca. [...]. Com os dados analisados, conclui, Amândio Barros, que não se prova a naturalidade portuense de Magalhães, que considera improvável, mas confirmando a sua grande ligação ao Porto, onde tinha familiares influentes no quadro do funcionalismo régio, e onde, segundo sustenta, se gerou e projectou o empreendimento que o celebrizaria” (Dantas, 2012, p. 74 e 76).

Passaram-se 500 anos desde que marinheiros e navios espanhóis conseguiram o feito de circunavegar o planeta pela primeira vez. Partiu de Sanlúcar de Barrameda uma expedição com cinco navios, comandada inicialmente por Fernão de Magallanes e depois por Juan Sebastián Elcano, que conseguiu descobrir um novo mundo (Calvo, 2018, s.p.).⁷

Diante de tais declarações de ninguém menos que a então vice-presidente do governo espanhol, vale a pena perguntar se estamos diante de uma nova tentativa velada de usar o discurso histórico para de alguma forma restaurar o prestígio colonial ibérico de outrora:

Por otra parte, resulta llamativo y revelador el que la Comisión Nacional creada por el gobierno español para la celebración del evento no cuente con un solo historiador experto en la circunnavegación de Magallanes y Elcano, sino tan solo siete ministros del gobierno: la vicepresidenta del Gobierno, Carmen Calvo; el ministro de Exteriores, Unión Europea y Cooperación, Josep Borrell; la ministra de Defensa, Margarita Robles; la ministra de Hacienda, María Jesús Montero; el ministro del Interior, Fernando Grande-Marlaska; la ministra de Educación y Formación Profesional, Isabel Celá; el ministro de Cultura y Deportes, José Guirao; y el ministro de Ciencia, Innovación y Universidades, Pedro Duque. Termino aquí, entonces, proponiendo que nos preguntemos una vez más qué es exactamente lo que los gobiernos celebran oficialmente cuando se celebra a un héroe nacional o se conmemora un evento histórico (López-Calvo, 2019, p. 66).⁸

Em perspectiva decolonial (Mignolo, 2017), buscando dismantelar os discursos de poder, saber e ser impostas pela modernidade eurocêntrica para construir a representação da primeira volta ao mundo registrada, nas Filipinas, o chefe Lapu-Lapu é

7 A Real Academia de História de Espanha afasta Portugal e diz que a primeira volta ao mundo foi um feito exclusivamente espanhol. O parecer foi publicado pelo jornal espanhol ABC (2019-03-11), que encomendou o estudo. A polémica entre os dois países volta, assim, à discussão pública, depois de, em janeiro de 2019, os dois países terem anunciado a apresentação da candidatura conjunta da viagem de Fernão de Magalhães a património da humanidade. Acessar tal reportagem no seguinte endereço: <https://tvi24.iol.pt/videos/espanha-diz-que-primeira-volta-ao-mundo-foi-exclusivamente-sua-e-nao-de-portugal/5c86c3730cf2996b598f4e26>. Além disso, nos desdobramentos desse debate público, Manuela Mendonça, professora e presidente da Academia Portuguesa de História, defendeu, por sua vez, que o feito deve ser preservado como português (2019-03-11) - acesso em: <https://tvi24.iol.pt/videos/sociedade/viagem-de-fernao-de-magalhaes-foi-preparada-em-portugal/5c86c8850cf20562ce4d46ee>.

⁸ Tradução nossa: “Por outro lado, é surpreendente e revelador que a Comissão Nacional criada pelo Governo espanhol para a celebração do evento não conte com um único historiador especialista na circunavegação de Magalhães e Elcano, mas apenas com sete ministros do Governo: a vice-presidente do Governo, Carmen Calvo; o ministro dos Negócios Estrangeiros, da União Europeia e da Cooperação, Josep Borrell; a ministra da Defesa, Margarita Robles; a ministra das Finanças, María Jesús Montero; o ministro do Interior, Fernando Grande-Marlaska; a ministra da Educação e Formação Profissional, Isabel Celá; o ministro da Cultura e Desporto, José Guirao; e o ministro da Ciência, Inovação e Universidades, Pedro Duque. Termino aqui, então, propondo que nos questionemos mais uma vez sobre o que é exatamente que os governos celebram oficialmente quando homenageiam um herói nacional ou comemoram um acontecimento histórico”.

comemorado como o grande líder indígena Mactan, cujo exército supostamente matou Magalhães, sendo considerado, por isso, um herói nacional, um símbolo de orgulho e resistência. Assim, para a celebração do quinto centenário da circunavegação, o governo filipino “incluyó la sustitución de la estatua de diez pies de Lapu-Lapu en la ciudad que lleva su nombre por un monumento que muestre la batalla misma, para así evocar el esfuerzo colectivo que acabó con ‘el primer turista’ a las Filipinas, como lo denomina Ocampo” (López-Calvo, 2019, p. 63).

É de 2007 o livro *A Viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses* de José Manuel Garcia, que, segundo Rui Manuel Loureiro, é o livro mais completo acerca dos feitos e da vida de Fernão de Magalhães. Nessa obra, que ajuda a desfazer velhos mitos coloniais acerca de Magalhães e sua viagem (com exceção dos políticos mal intencionados, como se tem observado nos meios de comunicação), nos é apresentada uma perspectiva do navegador nas suas relações com os portugueses e ainda traz compiladas diversas fontes documentais, muitas das quais até então pouco conhecidas, dispersas ou de difícil acesso, com o objetivo de fazer uma nova leitura da sua biografia e das suas motivações, o que certamente tem ajudado historiadores e escritores a retrabalhar seus contextos, suas imagens e suas ações.

Assim, pelo exposto ao longo deste breve tópico dedicado à representação histórica e ficcional de Fernão de Magalhães, ressalta-se que, desde meados do século XVI até à atualidade, vão sendo periodicamente lançadas novas fontes e novas representações da vida e das viagens realizadas por esse navegador, tornando-o um catalisador das forças políticas e sociais das épocas e dos lugares. Se muito se avançou no que remete ao conhecimento biográfico de Magalhães, ainda fica por explorar detalhes mais pormenorizados acerca de suas viagens ao Oriente, bem como acerca de suas fontes escritas e de leitura, mantendo-se ainda algumas dúvidas importantes sobre os serviços científicos, militares e marítimos prestados por ele à coroa portuguesa até sua famosa viagem final sob a proteção da coroa espanhola.

Tendo tais questões em vista, a ideia central desse estudo foi buscar no texto literário os discursos que, em diálogo com as tramas da história e suas representações do passado, se convertem em centelhas que ajudam a compreender não só alguns detalhes históricos, mas também o presente que o escreve, iluminando novas vozes projetadas a

partir do deslocamento da viagem, da perda, do desastre, do olhar que constitui o outro e se constitui. Por isso, a obra literária será tomada a partir daqui como um veículo de reinterpretação ou refiguração da história da viagem de circunavegação quinhentista de Fernão de Magalhães, pois se a ficção não modifica o discurso oficial, pelo menos altera o lugar a partir do qual se escreve sua história, projetando uma narrativa sob o ponto de vista de outras margens ou de outras praias.

Os estreitos de Fernão de Magalhães em *Maluco. Romance dos descobridores de Napoleón Baccino*

Quando, no final de 1517, Fernando de Magalhães cruzou a fronteira portuguesa com Sevilha, seu projeto nada tinha a ver com a esfericidade do mundo. Aliás, dada a sua situação em Portugal, talvez tivesse de repensar totalmente o seu projeto: o destino era o mesmo, as ilhas das especiarias, mas o porto de partida e as bandeiras dos navios tinham de ser diferentes. Por trás dessa inevitável rota circunférica, quantas vidas perdidas, quantos desvios de rota, quantas ideias esparsas ou quantos crimes e silêncios foram cometidos para percorrer mares e oceanos?

Realizar uma viagem que tem como ponto final o mesmo lugar da partida, apesar de naturalmente implicar em um deslocamento físico, acaba sugerindo toda uma carga de inércia simbólica que faz da experiência da viagem uma catábase sem inferno ou uma anábase sem anjos. Perde-se o tempo, a família, a riqueza, mas não se perde a viagem para onde quer que ela se dirija. Em última análise, a volta ao mundo torna-se, com Magalhães, uma metáfora para o caminho do autoconhecimento, da jornada de descoberta de cada dia.

O poema “One Art” de Elizabeth Bishop que abre o romance *El arte de perder* (1995), também de autor de Napoleón Baccino, anuncia, que para o escritor uruguaio perseguido pela ditadura, dominar “a arte de perder” é a maneira de não se deixar levar pelo “desastre”: “The arte of losing ins’t hard to máster; / so many things seem filled with the intent / to be lost that their loss is no disaster” (Bishop, 1984, s/p.).⁹ Tal concepção de desastre constitui-se em um ponto chave do estudo deste tópico, uma vez

9 Tradução nossa: “A arte de perder não é difícil de dominar; / tantas coisas parecem destinadas / a perder-se que a sua perda não é nenhum desastre”.

que, como veremos adiante, interpretaremos o romance *Maluco: romance de los descubridores* (1989), de Baccino, como a representação literária de uma experiência histórica traumática que foi a circunavegação de Magalhães, o que nos permitirá uma reflexão mais detida do tema, pois é do desastre marítimo e humano que se emergem uma série de dados e problemas, é dele que podemos entender que perder “relaciona-se com o enfrentamento de dificuldades pessoais e com a consequente necessidade de tomar decisões para que estas difíceis situações se viabilizem enquanto vivência” (Cardoso, 2012, p. 24).

É possível afirmar que de perdas se fez essa primeira volta ao mundo registrada. A começar pela perda da pátria de Magalhães, que foi forçado a se retirar ao país vizinho. Além disso, no correr dos três anos de circunavegação, morrem a esposa e seu filho primogênito que nascera após sua partida de San Lúcar. De um só golpe, toda sua estirpe foi dizimada. Magalhães queria conquistar as ilhas das especiarias para a Espanha, mas para isso teve de perder sua vida. Quanto aos poucos marinheiros que conseguiram retornar à Espanha, eles tiveram que jogar ao mar as especiarias obtidas com tanto custo, porque a nau *Victoria* que os conduzia já ameaçava naufragar. Um punhado de especiarias no bolso foi a única coisa que restou desse prolongado sonho de um rico Oriente.

Diante desse arriscado navegar pelo desconhecido, o narrador de *Maluco: romance de los descubridores* (1989)¹⁰ prefere representar a vida de Magalhães através da “perda” e justifica sua escolha dizendo que “las pérdidas” guiam “la memoria por los laberintos del pasado” (Baccino, 1995, p. 11).¹¹ Baccino, ao evidenciar a representação das perdas provocadas pela viagem de circunavegação como uma “necesidad animal de lamerse las heridas para que sanen” (*ibidem*)¹², aponta para os bastidores da escrita desse romance, em um momento em que a literatura uruguaia produzida sob a ditadura cívico-militar (1973–1985) nos revela um dos capítulos mais intensos da cultura latino-americana, demonstrando como a palavra escrita, em sua própria circunavegação, se

¹⁰ *Maluco* ganhou o Prêmio Casa de las Américas e consolidou Baccino como referência da chamada nova novela histórica latino-americana.

¹¹ Tradução nossa: “las perdas” guiam “a memória pelos labirintos do passado”.

¹² Tradução nossa: “necesidade animal de lamber as feridas para que cicatrizem”.

torna instrumento de sobrevivência em meio à opressão e a denúncia da perda dos direitos democráticos.¹³

Nesse sentido, ler a literatura uruguaia produzida no contexto da ditadura e em seus anos subsequentes é mais do que revisitar o passado: é compreender como a palavra, como Fernão de Magalhães, pode dar voltas ao mundo, atravessando barreiras intransponíveis ao perpassar por muros, oceanos e censuras. É perceber que, diante da violência, os escritores escolheram não se calar, continuando a nos lembrar que a literatura não é apenas arte, mas também memória, resistência e vida.

Napoleón Baccino Ponce de León destacou-se como um dos escritores uruguaios que, no período pós-ditadura, deu voz às tensões entre memória, história e ficção. Não à toa, *Maluco. La novela de los descubridores*, escrita logo após o fim do regime militar, reflete tanto o trauma coletivo da ditadura quanto a busca por novas formas narrativas para revisitar o passado. Logo, a leitura de *Maluco* revela uma necessidade de assimilação diante dos acidentes, dos vícios, da violência, enfim, de uma série de faltas e excessos que interliga distintos momentos da história, não deixando de fornecer à viagem de Magalhães um longo e estreito percurso diretamente às cicatrizes dos eventos representados.

Segundo o autor, tais cicatrizes nos dirigem à pluralidade de representações do real, de acordo ou desacordo com seus pontos de vista e suas possibilidades históricas e semânticas de compreensão, ou seja, “un lado de la moneda” que não reflete a totalidade do que foi vivido (Baccino, 1995, p. 11). Sendo assim, tanto a literatura entra na dimensão da representação documental, quanto a história bebe na dimensão refigurativa da literatura, ampliando suas interpretações documentais possíveis. A partir do momento em que a literatura faz um movimento em direção ao passado, não para resgatá-lo como já havia sido feito pelos historiadores, mas para reconstruí-lo de outra forma,

¹³ Durante a ditadura uruguaia, a censura sufocava jornais, editoras e bibliotecas. Muitos escritores foram presos, outros viveram o exílio, e alguns permaneceram no país sofrendo vigilância constante. A literatura não podia ser livre, mas encontrava brechas: poemas escondidos em papéis clandestinos, narrativas que circulavam em cópias manuscritas, cartas que atravessavam fronteiras. Na prisão, autores como Mauricio Rosencof e Carlos Liscano transformaram o cárcere em espaço de criação. Suas memórias e ficções revelam o horror da tortura, mas também a força da imaginação como sobrevivência. No exílio, Eduardo Galeano e Mario Benedetti escreveram sobre a dor da distância, mas também sobre a esperança de retorno. Suas obras misturavam testemunho e poesia, criando pontes entre o desterro e a pátria.

[...] o autor o faz desde seu momento atual, ou seja, fala de e sobre o presente em que vive. Sendo este romance escrito num Uruguai em processo de abertura de um regime ditatorial, pode-se nele reconhecer um novo romance histórico latino-americano que reescreve através de procedimentos ficcionais [...], camada por cima de camada como em um palimpsesto, de modo a reescrever passado e presente representando alegoricamente a figura daquele intelectual da pós-ditadura (Cardoso, 2012, p. 65-66).

Nesse contexto, o fato de Baccino ter escrito *Maluco* em seu insílio durante os últimos anos da ditadura uruguaia, interpretamos conforme Luísa Cardoso (2012) que o romance se trata de uma obra que “representa alegoricamente a tomada de consciência crítica a respeito do lugar que ocupa o intelectual na sociedade latino americana no momento em que a ditadura está recém terminada, porém deve assimilar seus afeitos para seguir adiante” (Cardoso, 2012, p. 109).

Para resumir acerca do que foi dito até agora sobre a ficção histórica em contexto de ditadura, retomamos a afirmação de Fernando Aínsa (1993, p. 23) de que o mais importante que faz o romance histórico é questionar os livros de história e os personagens de mármore, descobrindo os personagens humanos em sua dimensão mais ampla. Desse modo, *Maluco* não é uma obra isolada de seu contexto, pois faz parte de um universo literário que acompanha as tendências contemporâneas tanto da literatura quanto da historiografia.

Maluco funda-se em uma dupla vertente histórica, sendo a primeira, mais superficial, por recontar um fato histórico de grande importância: a primeira viagem de circunavegação da história. A segunda, aproxima-se do momento presente do autor do romance, ou seja, do contexto pós-ditatorial do Uruguai, tecendo, desse modo, uma refiguração criada a partir do ato configurativo das fontes oficiais. A narrativa enfatiza a importância de trazer à tona o sofrimento humano e os horrores da famosa jornada de circunavegação liderada por Magalhães na primeira metade do século XVI, situações essas ocultadas ou amenizadas pelos cronistas oficiais, censura que ocorria paralelamente naquela época de uma forma evidentemente mais intensa.

Nessa perspectiva, o leitor consegue relacionar esses símbolos textuais com o contexto histórico da própria produção do romance, onde prevalecem a violência e a impossibilidade de expressão com a vigência da ditadura militar uruguaia, que durou de 1973-1985. São anos marcados por agressões, repressão, silêncio forçado e uma

tentativa dos militares de se apoderar do discurso histórico nacional e reescrevê-lo sem participação de representantes e intelectuais quaisquer. Nesse conflito rees descritivo da história nacional, o romance de Baccino pode ser entendido como uma resposta criativa e resistencial ao período vivido.

Portanto, o fato de Baccino ter escrito *Maluco* em seu exílio durante os últimos anos da ditadura no Uruguai e tê-lo submetido ao concurso Casa de las Américas em Cuba é de extrema importância no que diz respeito à alegoria central que aqui se discute. [...] *Maluco* é publicado pela Seix-Barral (Barcelona) por conta da vitória no concurso da Casa de las Américas, deslocando o professor universitário para dentro da rede intelectual latino-americana, como alguém que está pensando criticamente a sociedade contemporânea (Cardoso, 2012, p. 109).

Nesse quadro opressor, convivendo com todo tipo de vexames, os narradores rio-platenses projetaram um cenário histórico-social permeado pelas agitações revolucionárias, represálias, torturas, exílios e crises econômicas. Com efeito, o romance de Baccino tem sua operação focada no discurso histórico oficial que é refigurado a partir de alguns pontos documentais (configurativos) específicos, como teremos oportunidade de conferir. O romance *Maluco*, desse modo, finca suas bases estruturais a partir da relação entre história e ficção, entre o contar histórias e refigurar os documentos históricos, fazendo a literatura dialogar com a própria historiografia nacional.

Maluco, romance de los descubridores, narra a viagem de circunavegação iniciada por Fernão de Magalhães, vista sob a perspectiva de Juanillo Ponce, um bufão contratado para distrair os tripulantes da temerária e exaustiva empresa marítima. Na criação desse personagem, temos concentrado, de modo centrípeto, todo ímpeto opressor e enganoso imposto aos tripulantes dessa viagem, que deviam seguir o longo percurso silenciosa e obedientemente, sob possíveis penalizações de seu comandante. Nesse caso, a ironia é um modo usado com frequência para evidenciar a fragilidade das versões oficiais dos fatos e para causar uma abertura refigurativa no sentido de promover novas interpretações possíveis acerca desse evento histórico tão simbólico na história colonial.

O romance em análise trata o tema da viagem de circunavegação com escárnio e, ao invés de relatos descritivos, sugere-se um texto misto, que encena a farsa e a tragédia em sobreposição à épica idílica. Logo, a nova narrativa hispano-americana problematiza

as visões oficiais e inicia um tipo de representação que evidencia o que ficou no plano semântico e prefigurativo dos registros históricos. Esse é o caso típico de *Maluco*, que conserva, entretanto, “uma grande ligação com o documento histórico propriamente dito, [...]” (Silva, 2005, p. 4). Portanto, nesse romance, a história e a ficção se aproximam para traçarem possibilidades do ser e de acontecer, de acordo com os processos de interpretação cabíveis às fontes.

Por conseguinte, Juanillo não apenas expõe a sua leitura dos fatos, como também se queixa bastante da história oficial. Sobre isso, afirma o bufão:

E, se o relato preciso e verdadeiro de nossas misérias, relato em tudo falseado por vosso cronista Pedro Mártir de Anglería para maior glória de Sua Alteza Imperial, assim como das muitas coisas que aquele sagaz cavaleiro vicentino dom Antonio de Pigafetta calou e emendou pela mesma razão, chegar ao coração de Vossa Mercê, leve em consideração que em Bustillo do Páramo, meu povoado natal, sofre grande pobreza este Juanillo, bufão da armada, que fez com suas graças tanto pela empresa quanto o próprio Capitão Geral com sua obstinação. Talvez isso vos determine a interceder junto a vosso filho, nosso amado Felipe, em favor de que me seja restituída a pensão que, por andar eu pelos povoados e praças indagando apenas a verdade, me foi tirada. Com isso, Sua Majestade não só repararia os muitos danos que sua decisão de enviar aquela esquadra a Maluco causou, como também faria justiça a esta nossa nobre profissão, que é a de fazer rir esquecendo nossas próprias dores para abrandar as penas alheias; porque qual coisa há neste mundo mais necessária que os Fransillos, e os Pericos, e este Juanillo, de profissão bufão? (Baccino, 1992, p. 6-7).

Nessa crítica, é importante notar que o discurso historiográfico não se desqualifica por completo, mas tomado como uma possibilidade entre as muitas aqui contidas: “A desmitificação da história oficial não se realiza anulando-a completamente, mas chamando a atenção para as perspectivas individuais” (Cardoso, 2012, p. 79). Longe do ser e mais próximo do ter, Juanillo critica

Os capitães com sua desmedida ambição. Não os compreendo, Alteza. Da mesma forma que não compreendo o senhor. Nem esse vosso filho, Felipe, que implica comigo, como se fosse digno de um rei disputar um pão duro, uma migalha, com o mais insignificante de seus vassalos. Não entendo nada dessas coisas grandes: grandes ambições, grandes sonhos, grandes amores. Nada disso é para mim, que sou dos que vêem as árvores mas jamais o bosque. Sou um simplório, e me atenho ao que meus sentidos me ditam (Baccino, 1992, p. 100).

Desse modo, o objetivo da viagem é tomado como “una promesa de mejores condiciones de vida para quienes participan en la empresa, más que considerar los problemas de poder económicos de las grandes potencias europeas” (Gutiérrez, 2009, p.

53).¹⁴ Questionada e ridicularizada por muitos, as ilhas Molucas tornaram-se um sonho coletivo de riqueza e assim permaneceu mesmo após a morte do capitão dessa empresa marítima.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o Magalhães de Baccino é tão sonhador, ingênuo e frágil que dificilmente pode ser identificado com o Magalhães das crônicas ou com o Magalhães do relato de Pigafetta. Essa figura fragilizada de Magalhães se opõe às versões heroicas da expedição por mostrar-se sempre seduzido pelos sonhos e desejos, desse modo tal figura nada mais seria do que um fantoche: “fantoques sujeitos ao arbítrio de uns malucos para alegrar os ricos, para que não falte à mesa dos poderosos a pimenta para temperar a carne, nem cravo e canela para dar sabor ao vinho” (Filer, 1992, p. 295). Entre sonhos e desejos marinheiros, a narração de Baccino nos revela que dois tipos de ilusões entram em jogo no olhar viajante: a ilusão da identidade e a ilusão da visão dirigido ao espaço alheio.

Mas, ao contrário de Magalhães, que declarava seu gosto pelos mares desconhecidos e pela conquista, o bufão Juanillo fazia parte da maioria que se lançava ao mar apenas para fugir da Inquisição ou para não morrer de fome em terra. Acreditando que a viagem a Maluco (nome que os portugueses davas às ilhas Molucas) resultaria em riquezas e prestígio por conta das especiarias que trariam, esses homens se depararam, contrariamente, com uma outra realidade bem perturbadora:

[...] o que era Maluco para nós? Só um nome. Um nome estrangeiro que cada um adaptava a seus próprios sonhos, agarrando-se ao sortilégio de um estranho som mas sem investigar o significado, como que pressentindo que aquela palavra portuguesa não poderia significar outra coisa além de louco, porque na verdade isso é o que éramos (Baccino, 1992, p. 11).

Sob o olhar de Juanillo, a viagem às ilhas Molucas era uma empresa marítima insensata, realizada pelos mapas de um cartógrafo visionário que havia morrido louco (o histórico Rui Faleiro), a desvendar uma geografia incógnita e labiríntica (o estreito) e a sobreviver às angustiantes e degradantes calmarias do Oceano Pacífico. Sob o olhar de Juanillo, todos os eventos acabam com um desfecho trágico. Nada é mais maravilhoso, não há mais gigantes e paraísos, cada página é a prova irrefutável do círculo dramático

¹⁴ Tradução nossa: “uma promessa de melhores condições de vida para quem faz parte da empresa, em vez de ter em conta os problemas de poder económico das grandes potências europeias”.

em que se envolveram os vários viajantes que participaram daquela expedição. Portanto, o bufão narra essa viagem para transmitir aos seus leitores “as esperanças desfeitas dos conquistadores, as esperanças de fama e de riquezas que se desvanecem, como os mortos, como os seus sonhos que não passam de fantasmas” (Cortés, 1993, p. 98), desfazendo-se como as democracias da América Latina durante a segunda metade do século XX.

Juanillo narra uma visão anti-heroica e desmistificadora da viagem de circunavegação, sendo suas intervenções, segundo ele mesmo declara, entendidas apenas como

[...] piadas e todos riam com elas, sadiamente. Até os da Inquisição, quando me interrogaram por ordens de Felipe. Morriam de rir, Alteza, mas quando cansaram de se divertir comigo, puseram-se muito sérios e começaram com a questão da viagem. Então soube que não tinham me prendido por causa das piadas. Eles queriam saber por que eu andava por casas e praças dizendo que o que teus cronistas contavam eram puras patranhas. E também por que eu vivia perguntando por meus antigos companheiros de viagem. Queriam saber para que eu os buscava. Por que perguntava por Beatriz, a esposa de meu amo, e por que me fazia chamar de conde de Maluco. E se era verdade que escrevia uma crônica cheia de falsidades para remetê-la ao imperador. E, como eu negava tudo e jurava por Deus que é uno e trino que não havia nada de verdade naquilo, que tinha esquecido fazia muito a viagem e que não tinha nenhum interesse em recordá-la, eles me diziam: você é um judeu filho da puta e vamos te ensinar a não mentir (Baccino, 1992, p. 35).

Nessa esteira, Juanillo faz repetidas alusões irônicas ao próprio fazer do relato, levando sua ironia a um grau crítico satisfatório para representar não somente a troca do episódio histórico em questão, mas, também, para refletir como os “outros se empenham em antecipar um futuro, também demasiado distante, tecendo seu risco de bordado com linhas vacilantes ou difusas. Até que passado e futuro sejam um novelo impossível de ser desenrolado. E teus argonautas, Penélopes enrolados em seus próprios fios” (Baccino, 1992, p. 175). Nesse sentido, temos um narrador bufão que tenta não reproduzir o passado, mas traçar uma “experiencia concreta de construcción de la realidad y mostrar cómo la ficción es una opción real [...]” (Gutiérrez, 2009, p. 47).¹⁵

15 Tradução nossa: “experiência concreta de construção da realidade e mostrar como a ficção é uma opção real”. Comentário: “[...], só durante a Idade Média as personagens do bufão, do bobo e do trapaceiro ganham destaque na literatura das baixas camadas sociais. Nota-se que essa literatura se desenvolveu fora do domínio oficial da Igreja e longe da literatura produzida pela elite letrada, caracterizada pelo tom sério e elevado, única forma considerada de expressão da Verdade e do Bem na época” (Pimentel, 2007, p. 22). Cabe ressaltar aqui que “Alguns bufões chegaram a ter condições de fidalgos e até títulos de nobreza, elevando-se ao cargo oficial. Um exemplo disso é Geoffroy, o bufão de

Veremos adiante que *Maluco* está intimamente ligado à relação de Antonio Pigafetta e é possível estudar as referências irônicas aos textos de cronistas, que são questionados ao longo do romance, como vimos anteriormente. Para elaborar esse campo de atuação do significado para além da representação cronística, Grutzmacher opina que a escrita de Napoleón Baccino não deixa de mimetizar, com frequência, os

[...] documentos, las estrategias narrativas y la propia intencionalidad del texto – inserto en las coordenadas de recepción actuales – se apartan del canon de la ‘novela histórica’ para producir un entrecruzamiento donde lo ludico, lo fantastico, lo especificamente estetico se imbrican con inusual eficacia, otorgando nueva fisionomía al relato de los acontecimientos históricos ficcionalizados (Grutzmacher, 2009, p. 20).¹⁶

A forma como a realidade é descrita nesse romance e o julgamento permanente das ideias expostas, permite-nos compreender como, envolta por um conceito de subjetividade, a realidade se torna um pretexto que abre possibilidades de interpretação descentradas, ou seja, abre um processo de refiguração das fontes históricas desse episódio de circunavegação. Não gratuitamente, por exemplo, o bufão promove o batizado (domesticação) de macacos e de pássaros que haviam sido aprisionados, parodiando as cerimônias de conversão ao catolicismo que os capelães sempre realizavam ao encontrarem os indígenas:

Naquela tarde, numa simples, mas comovente cerimônia, dei a meus macacos nomes cristãos. Faltava pouco para a hora do ânge-lus e eu estava de regresso à *Trinidad*, por isso aproveitei a ausência do capelão para pegar seus hábitos emprestados e, vestindo a estola, a túnica e até as casulas que levava de reserva num baú, instalei-me na coxia disposto a administrar o Sacramento às minhas criaturas (Baccino, 1992, p. 76-77).

Com tais narrativas, Juanillo desmitifica o campo do sagrado, minando-o com a ironia e o deboche, sendo o riso e o humor (na esteira de Bakhtin) um instrumento poderoso de corrosão, que mostra o avesso das coisas e das pessoas. Com base nessa premissa, podemos afirmar que

Felipe V de Navarra, ainda que o mais célebre fosse Triboulet, o bufão de Luis VII, chamado por Rabelais de “o louco prudente” e imortalizado por Victor Hugo no seu drama *O rei se diverte*. Também alguns bufões são lembrados pela fidelidade a seus senhores, como o modelo de Shakespeare para seu bufão do *Rei Lear*” (Cardoso, 2012, p. 120).

¹⁶ Tradução nossa: “os documentos, as estratégias narrativas e a própria intencionalidade do texto — inserido no contexto atual de recepção — afastam-se do cânone do «romance histórico» para produzir um entrelaçamento em que o lúdico, o fantástico e o especificamente estético se entrelaçam com uma eficácia invulgar, conferindo uma nova fisionomia ao relato dos acontecimentos históricos ficcionados”.

Maluco se distingue de otras re-escrituras del pasado porque no sólo incorpora información histórica y evoca el contexto social y cultural contemporáneo de los hechos narrados, sino que se reapropia de las formas discursivas de la relación y de la crónica, [...]. La transgresión del texto reside, no en las ocasionales exageraciones y en los detalles ficticios que realizan su calidad novelesca, sino en que su reproducción de las viejas formas discursivas explícitamente niega la visión de la vida, las jerarquías y los valores que les dieron origen (Gutiérrez, 2009, p. 50).¹⁷

Não é que não haja realidade histórica no romance, mas essa realidade é refigurada a partir de múltiplas perspectivas. A refiguração da história oficial não se faz anulando-a completamente, mas chamando a atenção para perspectivas inferenciais, muito mais contextuais e humanas, assimilando toda a trajetória do conceito de “vivência” que está na base historicista e filosófica das ciências humanas do século XX. A decisão de considerar o romance *Maluco* como refigurativo (Ricoeur, 2010), implica pensá-lo no sentido de não dizer a verdade histórica, mas oferecer um desdobramento das referências documentais para o desenvolvimento dos conceitos, representações ou sentidos que o texto possa ter às outras pessoas, ou seja, aos leitores contemporâneos e aos mais experientes investigadores dessa histórica viagem.

O importante sobre o enunciado literário em questão é revelar o significado das múltiplas visões sobre o mesmo objeto ou ação (viagem) e, ainda, considerar esse mesmo objeto de referência como refigurado em formas histórico-sociais mutáveis. Isso aponta que o sentido da história não pode ser descrito em termos de sua propriedade ou autoridade, mas por versões e contradições. Nesse sentido,

[...] intercambiávamos seres e paisagens, e coisas, e até sentimentos, no afã de evocar mais vívida e nitidamente aquele mundo. Mas era inútil. [...] Assim, pouco a pouco, nossa realidade ia se fazendo mais precária, e aumentava a sensação de que estávamos nas mãos de forças desconhecidas e misteriosas (Baccino, 1992, p. 127).

Apesar da presença constante do bufão em todo o romance, “El sentido de la fabulación que recoge el autor no solamente da cuenta de una licencia poética para hacer el discurso atractivo o divertido para los lectores sino que muestra [...] su

¹⁷ Tradução nossa: “Maluco distingue-se de outras reescritas do passado porque não só incorpora informação histórica e evoca o contexto social e cultural contemporâneo dos factos narrados, como também se reapropria das formas discursivas da relação e da crónica, [...]. A transgressão do texto reside, não nos exageros ocasionais e nos detalhes fictícios que lhe conferem o seu carácter romanesco, mas no facto de a sua reprodução das antigas formas discursivas negar explicitamente a visão da vida, as hierarquias e os valores que lhes deram origem”.

propiedad de construir nuevas versiones sobre la historia que va más allá de los textos clásicos” (Gutiérrez, 2009, p. 52).¹⁸ A própria ironia empregada pelo romance pode expressar essa sensação de silêncio por meio de múltiplos recursos, evidenciando as manias e compulsões dos personagens, o investimento de temporalidades e distâncias para reconfigurar a história, a começar pela figura do capitão da viagem:

Sozinho no meio da noite, com o astrolábio pendendo de suas mãos como um violino sem cordas, tenta reconhecer, na abóbada distante e cheia de lista de cores diferentes, algumas das poucas estrelas ou constelações que apareciam em seus mapas celestes. Mas, assim que acha que descobriu a posição de Centauro, uma observação mais cuidadosa revela que está contemplando o Navio, e chama mentalmente algumas de suas estrelas quando compreende, pela inclinação, que só pode ser Sagitário; então regressa arrasado a seu camarote para mergulhar novamente em suas cartas náuticas. Tão abstraído está em sua tarefa que ninguém ousa perturbar seu silêncio de dias e semanas, e a vida continua dobrada sobre si mesma e absurda, ao redor daquele homem que tenta decifrar alguns signos que se negam a ele. O poderoso Capitão Geral sente-se agora como um menino perdido. Como quando a repentina ausência da mãe arrasta todos os sinais atrás de si. E o mundo torna-se, assim, de repente, hieróglifo impossível de ser decifrado. Porque as chaves desapareceram. Num vazio que cresce e se agiganta como que gerando-se de seu próprio buraco, sem cessar. Que anula todas as certezas. No qual o imutável torna-se efêmero e o efêmero, imutável. Então, vítima desse estupor que desarticula a ordem natural das coisas, o menino não sabe aonde ir, embora esteja a poucos passos de sua casa, nessa rua pela qual passou tantas vezes de mãos dadas com a mãe, nessa pracinha onde brincou tantas tardes. E os rostos antes familiares dos vizinhos tornam-se alheios, distantes, desconhecidos; são máscaras enigmáticas que não lhe dizem nada. E ele, presa do desconcerto, foge, internando-se mais e mais em seu próprio labirinto. Vagando como um louco por um cenário absurdo (Baccino, 1992, p. 162-163).

Como meninos à deriva, *Maluco* reconta a histórias da esquadra de Magalhães pela voz do bufão da tropa, o Juanillo Ponce de León,¹⁹ que registra todas as suas desventuras em uma longa carta fictícia datada de décadas após a viagem dedicada ao ex-monarca Carlos V. Seu o objetivo de provar sua participação na expedição tem o intuito de fortalecer seu pedido de restituição da pensão, que lhe foi negada:

Você ainda está aí, dom Carlos? Ficou zangado com este servo? Aposto que não. Que está aguardando com olímpica paciência que este furor passe. Que

¹⁸ Tradução nossa: “O sentido da ficção que o autor explora não se limita a refletir uma licença poética destinada a tornar o discurso atraente ou divertido para os leitores, mas mostra [...] a sua capacidade de construir novas versões da história que vão além dos textos clássicos”.

¹⁹ Esse nome também coincide com o do navegador renascentista Juan Ponce de León, o qual, apesar de ter alcançado certa notoriedade, é considerado um conquistador “de segunda categoria”, uma vez que suas expedições eram movidas pelo seu fascínio em encontrar o mito do El Dorado, o que jamais se concretizou. Era, portanto, considerado um navegador menor, movido por sonhos e ilusões, considerado por muitos como louco.

tolerou com a benevolência própria dos poderosos esta intromissão do Juanillo de carne e osso em tua crônica, certo de que ao final da birra ele voltaria ao combinado. E tens razão, tu sempre tens razão (Baccino, 1992, p. 189-190).

Não estaria esse pedido ao rei feito pelo bufão ligado ao fato de que muitos dos sobreviventes da famosa viagem de circunavegação (18 no total) e suas respectivas famílias foram abandonados, como ocorrera com Pigafetta ou mesmo com a família de Magalhães que, após a viagem, não obtiveram suas devidas bonificações? Acontece a Juanillo a mesma derrota sofrida por Magalhães, que, se fez perdurar seu nome pelos séculos, ficou sem glória e sem reconhecimento pela viagem empreendida, herança que acabara ficando ao piloto e sobrevivente, o Sebastião Elcano:

Trata-se mesmo de um processo de organização da memória que se estrutura em termos literários da parte mais interessada no sucesso da expedição, [...] as famílias das centenas de tripulantes mortos ou desaparecidos durante a longa viagem começaram um demorado calvário social e judicial exigindo indenizações e compensações pelas suas dramáticas perdas. A maioria, pertencendo aos grupos sociais “inferiores”, acabaria por nunca receber a mínima compensação. Várias décadas depois do fim material da expedição de Magalhães eram muitas as viúvas, filhos e mesmo netos dos seus tripulantes desaparecidos que continuavam à espera de uma indenização que jamais seria concretizada (Sousa, 2006, p. 55).

Nesse ponto, indubitavelmente, o bufão representa a voz dos desvalidos que, diferente do premiado piloto Elcano, continuaram, após a viagem, a definhar nesse grande oceano não pacífico que é a terra firme dos reinos ibéricos da época. Diante de tal representatividade no romance, Juanillo Ponce apresenta-se não só como o bufão da frota de Magalhães na primeira viagem de volta ao mundo, mas, também, como judeu convertido, filho de uma prostituta de pai desconhecido, anão, pobre e feio, como se caracteriza abaixo:

Juro, Alteza, que, sendo minha mãe judia e meu pai desconhecido, e eu um tanto anão e bastante mal-acabado, e apesar de levar nas minhas partes o sinal do convertido, e ser confundido com um comuneiro por causa de meu senhor dom Juan, e não ter outro ofício que o de bufão e chalaceiro, nem outra riqueza que vossa generosidade; e, sendo Vós cristão velho, filho e neto de reis, corpulento e galhardo, praga e açoite de senhores turbulentos, e César, Imperador e Rei dos Reis, Deus Nosso Senhor escolheu a mim, e não a Vós, para revelar aos homens o lugar do Paraíso. E em verdade vos digo, Majestade, que, quando vi com meus dois olhinhos azuis o que tinha a meus pés, dei-me por morto e sofri grande aflição, que, se algo aprendi em meus muitos anos de intempérie, foi gostar de Juanillo apesar de seus muitos vícios e defeitos, tanto quanto sem dúvida (Baccino, 1992, p. 64-65).

Como bufão, Juanillo ocupa na frota um papel importante de mediação, que possibilita a sua presença nas mais baixas e altas esferas da hierarquia no interior da embarcação e após a expedição. Logo, o bufão é uma figura que goza de direitos e privilégios especiais, pois é um contador de histórias, ou seja, um narrador nato. Através de sua força narrativa, “o bufão cria uma maneira peculiar de exteriorizar as situações vividas pelos homens, podendo inclusive denunciar a sociedade que o cerca” (Cardoso, 2012, p. 16).

Desse modo, o fato de o narrador desse romance ser um bufão não quer dizer que não devamos levar a sério tudo o que ele fala, pois os pontos refigurativos da análise histórica do romance partem justamente das ações desse personagem:

Uma só frase, ditada num momento de ócio a um de teus secretários e dirigida a nosso bem-amado Felipe, para que me devolva a pensão que ganhei com meus trabalhos; uma só frase tua, para que o conde de Maluco morra sossegado e dignamente, sem ter de mendigar o pão e dormir nos estábulos, no meio do esterco dos animais. É tão grave pecado a mentira, para que me castiguem assim? Depois de haver sofrido os horrores sem conta daquela viagem, deveria eu aceitar sem dizer nada as balelas e os embustes de vossos cronistas? Para eles tudo é tão simples como fazer um guisado a partir de quatro ou cinco ingredientes. Mas o que sabem eles, Alteza, do que de verdade sentia cada um de nós diante desses quatro ou cinco grandes feitos aos quais limitam sua história? Pois digo que é ali onde está a verdade, bem dentro de cada um de nós, que fomos participantes dessa empresa, e em ninguém mais, nem mesmo em Vós, Majestade. Nem em nenhum outro lugar; é inútil que procureis nos arquivos, cavouqueis nas bibliotecas; nada, não há nada lá. A maldita viagem nasceu conosco, alguém colocou sua semente em nós antes mesmo que tivéssemos nascidos, e depois cresceu como uma planta, apoderou-se de nossas mentes, governou nossos atos, e murchou, mas suas raízes ficaram e tudo isso irá para a tumba com cada um de nós; por isso, se quiserdes a verdade, debes ir indagar nas tumbas, perguntar ao pó de nossos ossos, perseguir os vermes abarrotados com nossa verdade. Por isso me esforço em escrever, para resgatar algo do pó antes que o vento dos anos varra tudo com seu sopro implacável. Mas as forças me abandonam, Alteza, e, se o perdão de vosso filho não me permite comer e descansar conforme a minha idade, tenha por certo que, se tiverdes interesse, deveis interrogar, no futuro, os vermes (Baccino, 1992, p. 55-56).

Se o rei quer saber o que aconteceu naquela viagem deve recorrer aos poucos sobreviventes ou aos “vermes” que habitavam o porão de sua nau. Na retomada de uma voz narrativa mais autêntica, alguns dos registros oficiais dessa viagem, como o de Pedro Martyr e de António Pigaffeta, são duramente criticados e, por isso, refigurados ao longo do romance, pois

[...] havia motivos de sobre para andar tremendo como um cachorro espancado e a cada dia a estes vinham somar-se novas inquietações. Mas nada foi suficiente para aplacar a força dos loucos sonhos que impulsionavam cada um de nós. Nada; e saiba, Alteza, que, como vos tenho dito, não foram fáceis aqueles dias (Baccino, 1992, p. 12).

Sendo assim, entende-se as críticas feitas ao discurso oficial em *Maluco* através de Juanillo como uma crítica ao discurso legitimado pelo poder régio: “Sua loucura lúcida – [...] – completa o quadro de marginalidade que se torna instrumento precioso para configurar o lugar a partir do qual o novo cronista lança um olhar mais lúdico e crítico sobre os acontecimentos” (Pimentel, 2007, p. 24). O leitor do romance navega, consequentemente, entre a literatura e a história, entre o sentido que se configura na trama interminável de referências documentais e o sentido refigurado das marcas referenciais que surgem diretamente no discurso, ou seja, percorre por entre a loucura e a razão:

Assustado, virei-me então para meus companheiros e, ao vê-los tão pálidos e tão irrealis, julguei-os mortos também e senti grande piedade deles e me pus a chorar por causa desse louco apego que temos pela vida; o sabor salobre de minhas lágrimas me recordava o mar e eu, que sempre havia odiado o mar, me enternecia agora pensando que nunca mais. Claro que em seguida me dei conta de que chorar era tolo, porque Deus Pai havia criado o Reino dos Justos para alegria eterna de suas almas, e, se ali se divertiam à solta homens tão sábios como os antigos profetas e tão austeros como os Reis Católicos, teus avós, um astuto bufão como eu me sentiria magnificamente bem (Baccino, 1992, p. 64).

Nesse lugar intermediário e sem direção definida ocupado pelo bufão do romance, nota-se um ponto de partida importante da narrativa de *Maluco*, o que remete o leitor paralelamente ao período de transição entre a ditadura e a redemocratização uruguaia, contexto político de seu autor, transição essa que implica na própria abertura semântica (refigurativa) da escrita da história. Por isso, *Maluco* propõe uma nova perspectiva desse episódio histórico já consagrado pela historiografia dita oficial, agora a partir de um narrador subalterno que possuía o privilégio de poder transitar entre as distintas hierarquias, transitando entre a memória e a imaginação de modo a reinterpretar os registros históricos em suas nuances dissimuladamente semânticas:

Diga-me, Majestade Cesárea, alguma vez na vida estiveste debaixo de uma mesa observando os pés dos comensais e acompanhando sua conversa? Pois fizeste mal, porque não é bom para um príncipe ver o mundo apenas do trono e ver só a cara da caterva de aduladores de tua corte, cara empoada e composta para a hipocrisia. Debaixo de mesa, porém, as coisas são vistas de modo diferente. A inquietação de

alguns pés, o movimento de uma perna, o balançar nervoso de certos joelhos, a mão que desce num gesto furtivo, e o som das palavras sem cara, tudo isso dirá muito mais dos homens e dos negócios do Estado que todos os discursos e os alcagüetes que o senhor olha e ouve do alto do estrado régio forrado de veludo púrpura. Digo isso eu, que espreitei a vida de todos os cantos e o pouco que aprendi foi sempre debaixo de uma cama, escondido num armário, pelo buraco de uma fechadura, atrás de uma poltrona ou debaixo de uma mesa. É como no teatro, Alteza, [...] (Baccino, 1992, p. 115).

Olhando por debaixo da mesa, Juanillo Ponce é capaz de não apenas narrar o que seus sentidos perceberam, mas, muitas vezes, ele relata a realidade ao seu redor a partir do ponto de vista de um sujeito que experiencia o mundo e percebe as suas subjetividades. Os bufões, que na antiguidade acompanhavam as tropas, também se permitiam caçoar dos generais. No caso de Juanillo, uma das ações dessacralizadoras é voltar-se para a figura do capitão Fernão de Magalhães, criticando-o respeitosamente, o que não ocorre com a figura do rei a quem se dirige mais ironicamente:

Pois bem, dom Carlos, vou te dizer o que vamos fazer. Tu vais chamar Sepúlveda. Falarás desta minha crônica a ele, e dirás que averigue o que há de verdade no que narrei. E, se Sepúlveda te disser que não minto, escreverás a Felipe, dizendo-lhe que me restitua a pensão. Então, quando eu a receber, irei ver-te em Yuste e iremos, tu e eu, percorrer o mundo juntos. Para qualquer lugar. Com um embornal no ombro e para onde nos levarem nossos cansados pés. E uma venda aqui, um caminho acolá, uma aldeia e um pinhal, uma mesa com cozido e bom vinho. Verás como passaremos bem. Só que debes te apressar. Olhe que estamos, os dois, cheios de achaques e, logo, nem a bengala poderá nos manter em pé por esses caminhos de Deus que vamos percorrer. Lembre-se de que nos verão com desdém, e os meninos rirão de nós, e todos comentarão: - Olha só esses dois. Um acha que é conde e outro, imperador. Olha só a cara de Suas Majestades! Mas nós não nos importaremos, já que juntos descobriremos mundos (Baccino, 1992, p. 282-283).

Diante dessa crítica ao alto escalão da empresa marítima, o bufão surge, na narrativa, como um representante de todos os tripulantes que desapareceram dos registros oficiais por dizer ou fazer coisas que os chefes não gostavam de ver e ouvir, representando, assim, o outro lado das crônicas, a outra face da realidade histórica documentada. Há, nesse sentido, sucessivas expressões de autoafirmação como quem se apresenta a todo instante, a recuperar uma identidade perdida e reafirmá-la na gesta colonial.

Isso vem na contramão do fato de que sua condição de conde lhe foi negada, assim como sua participação na viagem foi apagada dos registros, logo sua autoafirmação constante objetiva dar voz marginal perante à autoridade máxima (Carlos V), pois se já lhe tiraram seu título, que ao menos lhe paguem a pensão que lhe é

devida. Juanillo deseja apenas existir nesse mundo de cartas e mapas aparentemente neutros e assujeitados à linguagem técnica.

Um último traçado histórico desse romance será ressaltado em seu apêndice, cujo autor deixa de ser o bufão Juanillo, passando a ser o “humilde y leal servidor, Juan Ginés de Sepúlveda”, quem toma a palavra em outra carta de “21 de setembro de 1558”.²⁰ O novo interlocutor está respondendo à uma carta do próprio Carlos V, atendendo a seu pedido:

Em resposta ao vosso de 20 de agosto, onde Vossa Majestade requer minha modesta opinião sobre vários assuntos relacionados com a primeira expedição ao Maluco ou às Ilhas das Especiarias e, com a tranquilidade de ter feito tudo ao meu alcance, fui satisfazer de uma forma honesta a curiosidade saudável de tão glorioso Príncipe, [...] (Baccino, 1992, p. 309).

A partir daí, Juan Ginés Sepúlveda enumera, formalmente, vinte e um pontos historicamente comprováveis através de documentação, confirmando ao ex-monarca os fatos que se correspondem ao relato ficcional de Juanillo. O que chama a atenção é a data de envio da carta de Ginés Sepúlveda a Carlos V, a 21 de setembro de 1558, justamente na data de morte do imperador. Isso significa que, por mais que tenha tentado atingir seu objetivo de narrar ao ex-monarca sua participação na viagem de circunavegação para que lhe concedesse novamente sua identidade e sua remuneração devida, ainda assim não terá sido possível alcançar seus anseios, pois seu imperador morreu antes mesmo de receber o aval de seu conselheiro Ginés Sepúlveda.

Trata-se esse desencontro de datas de mais uma crítica do abandono que sofre aqueles equiparados a sua humilde condição, de modo a criticar os discursos oficiais e o descompromisso das próprias autoridades para com os seus subordinados. Mas, quem narra ainda é um subalterno que não precisa escamotear esses abandonos e os demais sofrimentos, nem as traições que ocorriam entre os capitães, nem a crueldade que todos sofriam ou eram capazes de cometer:

20 Juan Ginés de Sepúlveda foi um humanista espanhol, defensor fervoroso do direito de conquista da América pelos espanhóis. Em 1536 é sabido que Carlos V o nomeia como seu cronista oficial, passando inclusive a ser tutor de seu filho, o futuro Rei Felipe. Escreveu *De rebus gestis Caroli quinti imperatoris et regis Hispaniae accurate Regia Historiae Academia* (traduzido para o espanhol sob o título de *Historia de Carlos V*).

Que te impede de falar, porque o ar escapa pela ferida com um ronco. Mas tu não sentes dor e não podes acreditar que o último dos relógios tenha se espedaçado e que a areia derramada esteja te enchendo de espanto. Não podes crer nisso até que vê Gómez Espinosa olhando as próprias mãos, horrorizado, porque elas estão pegajosas de sangue (Baccino, 1992, p.121).

Ao se dirigir a um rei morto por meio de uma carta, o interlocutor permanece em silêncio. Não se trata de um diálogo e, sim, de “um silêncio como performance ativa” (Silva, 2005, p. 7). Nesse silêncio, o que paira aos olhos do leitor é que “a verdadeira sensatez está no discurso do bufão, do louco, e a insensatez pode ser identificada no poder que se cerca de um simulacro cronístico que lhe impede um contato mais humano com a realidade” (Pimentel, 2007, p. 26). A escolha da modalidade textual da epístola facilita a presença desse interlocutor imaginário em que o monarca representa não apenas toda uma esfera do poder oficial no âmbito do real, mas, também, dirige-se com ela à sociedade que busca, como seu narrador, entender as faltas e as injustiças cometidas contra os mais humildes que estavam na linha de frente dessa empresa marítima.

Diante de um discurso histórico repleto de silêncios, o bufão nos mostra que “es a través del arte que se recupera la voz y la posibilidad de representar y simbolizar lo incomprensible e intransferible del sufrimiento humano. [...], el arte es un espacio de construcción y reconstrucción de la memoria colectiva a partir de un incesante proceso de simbolización y resignificación del pasado” (Chiara, 2006, p. 534).²¹ Por meio do depoimento de Juanillo, Baccino sugere ao leitor a possibilidade de evidenciar uma história de dor e violência vividas no contexto colonial, paralelamente à opressão sofrida no contexto da ditadura uruguaia, que, como na história de Pigafetta, se tenta silenciar e corrigir. Para esses e outros eventos opressores, sempre haverá testemunhas da história, pois, conforme Baccino sugere com seu romance, o silêncio e o esquecimento são sempre seguidos pela refiguração da história oficial.

Considerações finais

²¹ Tradução nossa: “é através da arte que se recupera a voz e a possibilidade de representar e simbolizar o que há de incompreensível e intransferível no sofrimento humano. [...], a arte é um espaço de construção e reconstrução da memória coletiva a partir de um processo incessante de simbolização e resignificação do passado”.

Em suma, não podemos deixar de notar que o romance que analisamos está sujeito a certo rigor histórico. Tanto seus personagens quanto as datas, os textos e os eventos envolvidos no episódio da circunavegação estão registrados nas tradicionais crônicas e cartas de relação da época. Por outro lado, o narrador tem a liberdade de, no decorrer do romance, afastar-se, por vezes, das referências históricas para, por meio de diálogos e cartas fictícios, caracterizar sua marca crítica, perspectiva principal desse romance. Como visto, Baccino mostra-nos toda a sua interioridade, deixando de lado o bobo para representar seu profundo sentimento humano, ou seja, sua própria existência problemática enquanto receptor e refigurador de memórias.

Essa dualidade sincrônica que integra história e existência na narrativa se destaca nas ações do próprio bufão, narrador-personagem da obra, que, com sua visão retrospectiva, explora ironicamente o sonho dos navegadores ultramarinos, com o seu desejo ardente por riquezas e de vencer o desconhecido. O narrador vai, então, acolher a historiografia e conjugá-la com a produção artística, aceitando os riscos desse processo ao penetrar na história por meio da dúvida problematizadora. O que aconteceu realmente durante essa viagem de circunavegação? Será a sua história oficial capaz de explicar os principais fatos? O que se pode ler nas linhas e entrelinhas dos registros dessa viagem? Para tentar responder a essas perguntas, é preciso compreendê-las levando em consideração as relações possíveis entre discurso da história, ficção e forma narrativa, bem como compreender como tais relações podem refigurar ficcionalmente os seus registros.

Na tentativa de configurar seu próprio relato, Pigafetta afirma em seu livro ter entregado a Carlos V seu diário de navegação, que, no entanto, logo se perde entre os papéis do rei. Essa perda pode ser enquadrada junto com o desaparecimento sistemático de quase todos os supostos escritos de Fernão de Magalhães, como o provável livro de bitácora. Teria seus comentários mais detido sobre os conspiradores espanhóis liderados por Cartagena incomodado os cronistas de Castela, como um bufão a fazer escárnio de seus nobres em praça pública?

O relato ficcional de Juanillo vem cobrir ficcionalmente essa lacuna de Magalhães de modo a inferir, com base em indícios e passagens documentais, a posição múltipla de uma testemunha que descreve o que vê e, sobretudo, que imagina o que vê.

Por fim, o olhar de Juanillo ao mundo que percorre, esse olhar do imaginário sobre a natureza humana, é o olhar de um navegador que narra a si próprio para driblar os silêncios que paralelamente fizeram desaparecer a tripulação dos registros. Logo, esse olhar que busca a imagem de si é, também, aquele que corresponde ao lugar do outro refigurado, sendo essa refiguração um produto de uma cumplicidade que não lhe é alheia: a cumplicidade tecida entre a letra de Juanillo e o seu olhar itinerante sobre as épocas.

Referências

- AÍNSA, Fernando. La invención literaria y la reconstrucción histórica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 12, 1993, p. 11-26.
- BACCINO, Napoleón. *El arte de perder*. Montevideo: Guarambaré, 1995.
- BACCINO, Napoleón. *Maluco*. Romance dos descobridores. Trad. Eric Nepomuceno. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BISHOP, E. *The complete poems (1927-1979)*. London: The Hogarth Press, 1984.
- CALVO, Carmen. *El V centenario de la primera vuelta al mundo buscará devolver a España “el prestigio que le corresponde”*. Septiembre 14, 2018. Acesso em: <https://www.operamagallanes.com/tag/v-centenario>.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 4ª ed. Lisboa: Instituto Camões, 2000.
- CARDOSO, Luisa Müller. *O bufão e o intelectual em Maluco*. La novela de los descubridores. 152 p. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- CHIARA, Paula. El testimonio como elaboración del trauma e ‘Maluco. La novela de los descubridores’ de Napoleón Baccino. *Revista Iberoamericana*, v. LXXII, n. 215-216, 2006, p. 531-544.
- CORTÉS, Florencio Alejandro Valenzuela. La perspectiva del narrador en la obra “Maluco. La novela de los descubridores. La crónica del siglo XX. *Revista de Humanidades*, n. 1, 1993, p. 93-98.
- DANTAS, Irene da Silva. *Entre Memórias: a questão da naturalidade de Fernão de Magalhães*. 147 p. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2012.
- GRUTZMACHER, Łukasz. *¿El Descubridor descubierto o inventado? Cristóbal Colón como protagonista en la novela histórica hispanoamericana y española de los últimos 25 años del siglo XX*. Varsovia: Instituto de Estudios Ibéricos e Iberoamericanos, 2009.

GUTIÉRREZ, Luis Felipe González. Maluco, una aproximación a la noción del inter-sujeto y sus aportes desde el socioconstruccionismo, *Athenea Digital*, n. 16, 2009, p. 47-58.

LÓPEZ-CALVO, Ignacio. Magallanes, Elcano, la marca España y los resabios de nostalgias imperiales. *Revista Communitas*, v. 3, n. 6, 2019, p. 56-67.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, v. 1, n. 1, 2017, p. 12-32.

PIMENTEL, Ary. A nau dos insensatos: a corrosão do poder pelo riso em Maluco, de Napoleón Baccino Ponce de León. *Contexto*, n. 14, 2007, p. 19-28.

SILVA, Geysa. Novos caminhos, múltiplas vozes. In: *Livro de resumos do II Congresso de Letras da UERJ*, São Gonçalo, 2005, p. 1-12.

SOUSA, Ivo Carneiro de. *Peregrinatio*, Pecado, Sexualidade e Mentalidade Mercantil: Discutindo o Livro de Antonio Pigafetta sobre a Grande Viagem de Fernão de Magalhães. *Revista de Cultura*, n. 17, 2006, p. 54-66.